



## O GRITO DA NATUREZA FERIDA... O EMPENHO DA HUMANIDADE

Os cenários apocalípticos dos filmes cult dos anos 80 ainda estão diante de nossos olhos. Tempestades, perturbações atmosféricas, possíveis desastres ecológicos eram a base de uma espécie de filmografia catastrófica que, se espera, tendia a exorcizar eventos hoje possíveis, outros acontecidos. Na época atual, sob os olhos de todos, assistimos a fenômenos impensáveis vinte anos atrás, que estão revolucionando todo o ecossistema e, de alguma maneira, as condições da humanidade.

Os cientistas do mundo todo, reunidos pela primeira vez em Kyoto, lançaram uma dura advertência e um apelo às potências mundiais: reduzir a emissão de gás carbônico. Contra a obstinação do capitalismo, há anos, a Mãe e Irmã terra está abundantemente protestando. São as afirmações, já cientificamente comprovadas, do Papa Francisco na sua Carta Encíclica *Laudato si' sobre o cuidado com a casa comum*: «Uma irmã que protesta contra o mal que a atinge, por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus colocou nela».

Com tons de alegria e de dramaticidade, sublinhando a bondade da criação e a grave superficialidade do ser humano que ha-

bita a casa comum, o Santo Padre oferece um compêndio das observações científicas deste período, juntamente com um exame atento das posições pastorais dos Pontífices e dos Padres da Igreja, retomando constantemente o tema da responsabilidade de todo ser humano que não escuta o grito da natureza ferida: «feridas produzidas pelo nosso comportamento irresponsável».

É paradigmática a lembrança do santo de Assis, padroeiro da Europa, mas sobretudo amigo e amante da natureza, da qual cantou os louvores. A sua «ecologia integral requer abertura para com as categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos relacione com a essência do humano». Em suma, exorta o Papa Francisco, sim aos estudos, às convenções, aos debates, mas a urgência do problema diz respeito a todo ser humano, a sua sobrevivência e, sobretudo, às suas escolhas éticas que concretamente estão ligadas às políticas econômicas das grandes potências.

Ele, todavia, vai além e se dirige de modo ecumênico e inter-religioso a «cada pessoa que habita este planeta!». Deveria radicar-se em todos a convicção desta *ecologia integral* citada acima, que é «a atenção sobre as raízes éticas e espirituais dos problemas ambientais, que nos convidam a procurar soluções não apenas na técnica, mas também numa mudança do ser humano, por-

que, caso contrário, enfrentaremos apenas os sintomas».

E estas palavras parecem ser a análise lúcida da situação mundial. O planeta das mil cores, espelho da perfeição do criador, está enegrecendo, perdendo a serenidade e, sobretudo, vê mudar radicalmente os próprios ritmos vitais. E o Papa continua na citação de São Francisco: «Por isso pedia que no convento se deixasse sempre uma parte da horta não cultivada, para que crescessem as ervas silvestres, de forma que, quando fossem admirá-las, pudessem elevar o pensamento a Deus, o autor de tanta beleza». (Cf. Tommaso da Celano, *Vita seconda di San Francesco*, CXXIV, 165: FF 750.)

O seu é um apelo para enfrentar o desafio de cuidar da nossa casa comum e de protegê-la para a «procura de um desenvolvimento sustentável e integral, porque sabemos que as coisas podem mudar».

Aparece evidente a provocação nos confrontos das grandes potências: o verdadeiro desafio não é diminuir as produções ou a indústria, mas encontrar novas fontes de energia alternativa - e já existem - e difundi-las e aplicá-las. Evidente que tudo isso aparece como uma utopia em um mundo controlado pelas grandes indústrias petrolíferas, principais fontes de controle do poder mundial. Eis, no entanto, a ecologia integral, a mudança de mentalidade verdadeira e constante, antes que a mãe natureza atinja o limite do não retorno.

Com muito otimismo, o Papa Francisco continua a renovar o diálogo sobre o modo com o qual o homem está construindo o futuro do planeta, pensando que o desafio ambiental se refere a todos. A Encíclica enfrenta sistematicamente todos os problemas da salvaguarda do planeta, tendo presente esses dados de sustentação: «a íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta; a convicção de que tudo no mundo está intimamente conectado; a crítica ao novo paradigma e às formas de poder que



derivam da tecnologia; o convite a procurar novas formas de interpretar a economia e o progresso; o valor próprio de cada criatura; o sentido humano da ecologia; a necessidade de debates sinceros e honestos; a grave responsabilidade da política internacional e local; a cultura do descartável e a proposta de um novo estilo de vida». Cada argumento é enfrentado com lucidez e realismo, colocando limites, mas também perspectivas e esperanças para que, a reflexão dramática e alegre juntas, como a define o Papa, possa tocar as consciências e suscitar conversões, mudança de atitudes e de mentalidade comum. A conclusão atinge um altíssimo poetismo, que toca ao romantismo, a exaltação da natureza mãe que é defendida e tutelada. O Papa propõe duas orações: a invocação ao Deus criador e pai, reforçando a mundialidade do problema e a elevação de cada uma das religiões para a espiritualidade da natureza, e uma oração-empenho, voltada para os cristãos, a fim de estimulá-los a ser testemunhas concretos do empenho voltado para a criação.

A Encíclica *Laudato si' sobre o cuidado com a casa comum* é para ser lida, “fazê-la circular” como nos recorda o próprio termo, para torná-la objeto de debates e de empenho ecológico ao qual ninguém pode ou deve subtrair-se porque, nos recorda sempre o Papa Francisco, «O mundo é bem mais do que um problema a ser resolvido, é um mistério feliz que contemplamos na alegria e no louvor».

Rita D'Addona, jornalista